

Leonardo Colosso/Folha Imagem



NAÇÃO ESCONDIDA O atacante Wa'íkaira', 16, da tribo Xerente, vai jogar futebol na Bélgica; o preconceito leva índios que vivem em São Paulo a mentir sobre sua origem para obter emprego Págs. 3-8 e 3-9

DISCRIMINAÇÃO Dados da Funai mostram que dos 1.800 que vivem na cidade de São Paulo, apenas cerca de 600 trabalham

Índio esconde origem para obter emprego

LILIAN CHRISTOFOLETTI
da Reportagem Local

O medo do preconceito tem obrigado índios que moram em São Paulo a camuflar suas origens para conseguir emprego. Na hora de procurar trabalho, os índios se apresentam como negros, nordestinos ou índios argentinos.

E mesmo assim, disfarçados, os indígenas em geral só conseguem disputar vagas mal remuneradas que estão à disposição no mercado de trabalho. No final, acabam ocupados como pedreiros, vigilantes ou empregadas domésticas.

"Trabalhei um ano e dois meses em uma casa de família. Quando contaram para a minha patroa que eu era índia, ela começou a dar indiretas dizendo que não gostava de índios e depois me demitiu", diz Maria de Fátima Cardoso, índia da tribo dos pankararus que passou a trabalhar como merendeira depois de ter sido demitida.

A remuneração desses trabalhadores acompanha esse raciocínio. Segundo dados da Funai (Fundação Nacional do Índio), dos 1.800 índios que moram na capital, apenas cerca de 600 trabalham. A média salarial é de R\$ 350.

O preconceito contra os índios é resquício de uma imagem que tem quase 500 anos. Escravizados, os indígenas resistiam e eram considerados "indolentes". Os ecos desses adjetivos continuam sendo ouvidos até hoje.

"Preguiçoso", "ingênuo", "selvagem", dizem os índios entrevistados pela Folha, sobre como são chamados pela população das cidades.

Ignorância

Para o índio Jurandir Siridiwê Xavante, representante dos xavantes em São Paulo, a origem do preconceito está ligada à história do Brasil. "Nas escolas, as crianças aprendem que o índio foi substituído pelo negro na escravidão porque ele era preguiçoso", diz.

Antropólogos e especialistas consultados pela Folha dizem que a reação do índio de esconder a origem é compreensível.

"A sociedade ignora aquilo que desconhece ou que tem medo, por isso, se fecha para o índio", diz a antropóloga Betty Mindlin.

Segundo o chefe do serviço de assistência da Funai e representante dos terenas na capital, Mário de Camilo Ivy, três grupos indígenas vivem em São Paulo: fulniôs, guaranis e pankararus. "Apenas esses últimos se arriscam na disputa de emprego."

Segundo ele, os fulniôs e guaranis são mais isolados e vivem de artesanato, doações e de agricultura. "Em comum, eles têm as condições precárias de vida em favelas, aldeias ou áreas rurais", diz.

De acordo com Ivy, os pankararus são pioneiros na busca por emprego em São Paulo.

"Eles são corajosos. A maioria dos índios prefere continuar em comunidade e evitar o branco."

Coragem

Para o presidente da Associação Indígena Pankararu, Frederico Pankararu, a coragem é mais uma necessidade de sobrevivência. Segundo ele, faz parte da tradição de sua aldeia, Brejo dos Padres, em Pernambuco, encaminhar os jovens de 18 anos para trabalhar em São Paulo.

"É uma fase de aprendizado do jovem. Nós trabalhamos para ganhar dinheiro, mas o nosso destino é voltar para a aldeia", afirma.

Segundo ele, é preciso coragem para enfrentar a cidade grande.

Essa qualidade não faltou para o índio xerente Wa'ikaira', 16. Ele é jogador de futebol e foi chamado para fazer um teste na seleção da Bélgica. "É uma vitória, um sonho que está se realizando", diz.

A empresária do atacante, Sandra Eli de Melo, diz que ele se tornou o orgulho da aldeia. "Foi um milagre. Não tem outra explicação", afirma a empresária.



O índio Marcos Gil Pankararu, jogador de futebol, que está fazendo testes no time profissional do Ituano

Fabiano Accorsi/Folha Imagem

O JOGADOR

"Parei de estudar na 5ª série porque precisei trabalhar para ajudar os meus pais. Foi um momento difícil. Fiquei dez meses em uma metalúrgica, mas nunca desisti de treinar futebol. Treino desde os 5 anos na aldeia. Meu povo está orgulhoso, pois sou o primeiro da aldeia que vai jogar em um time profissional. Parece um sonho. Quero ganhar bem para ajudar o meu povo."

Marcos Gil Pankararu, 18, jogador de futebol que está em teste no Ituano

A PROFESSORA

"Eu me considero uma vencedora. Tive de me sujeitar a todo tipo de trabalho para conseguir dinheiro para meus estudos e o fato de ser índia tornou tudo mais difícil. A minha sorte é que os índios pankararus são morenos e algumas pessoas pensavam que eu era negra. Eu preferia não falar nada. Hoje, leciono para crianças de várias etnias, graças à ajuda de uma professora branca. Não preciso mais esconder minha origem."

Rita de Cássia dos Santos, 30, é professora e recebe R\$ 300 por mês



A professora Rita de Cássia dos Santos, índia pankararu, ao lado de seus alunos da escola no Real Parque

Vania Delpolo/Folha Imagem

DISCRIMINAÇÃO Segundo antropólogo coordenador de ONG, paulistas ignoram população indígena do Estado

Preconceito contra índio é camuflado

da Reportagem Local

Para o coordenador do Iama (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente), Mauro Leonel, o preconceito contra o índio no Brasil é "camuflado e mentiroso". A origem, segundo ele, é proveniente de décadas de escravidão e, atualmente, do conflito fundiário.

O Iama é uma ONG (organização não-governamental) que trabalha com as questões indígenas.

"São mais de três séculos de uma situação mal-resolvida. A sociedade não tem compreensão do privilégio de ser contemporâneo de uma cultura diferente, de viver com aqueles que foram os primeiros povos do Brasil", diz.

Segundo ele, os índios resistiram à escravidão e não aceitaram o ideal de torná-los "civilizados". "Temos uma dívida muito grande com os índios", diz.

Para a antropóloga e escritora Betty Mindlin, a ignorância sobre o modo de vida e a cultura dos índios favorece a discriminação.

Betty já escreveu quatro livros sobre os mitos indígenas de 15 povos diferentes. "A sociedade despreza aquilo que ignora. Existem mais de 500 povos indígenas e todos são tratados como índios. A verdade é que o Brasil tem dificuldades de lidar com o povo que massacrou durante séculos", diz.

Segundo a antropóloga, os índios continuam sendo violados em todos seus direitos.

"O fato de viverem em favelas

de São Paulo, ganham pouco e terem baixa formação contribui para a exclusão do grupo."

Fantasia

"O índio emplumado, pintado e armado de arco e flecha faz parte

da fantasia das pessoas. Em contato com a realidade, ou seja, com o índio paulistano que mora em favela, é pobre e tem roupas simples, ele é ignorado", afirma a antropóloga e professora da PUC (Pontifícia Universidade Católica)

de São Paulo Carmen Junqueira.

Para ela, muitos paulistanos desconhecem a existência de três reservas indígenas no Estado de São Paulo (nos municípios de Avaí, Braúna e Arco Iris).

"Eles chegam aqui com muitos

sonhos, mas acabam encontrando uma realidade de preconceito e discriminação. O sonho de voltar para a aldeia, que é comum entre os índios, é quase inviável porque eles nem têm dinheiro para comer", diz.

O processo de competição de emprego na capital, segundo ela, é "sujo e desonesto".

"Eles não têm a mesma formação e as culturas são diferentes. Na cidade grande, os índios ficam em situação de desvantagem."

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: FSP

Data: 8/11/98 Pg 3-9

Class.: 69

Volta à aldeia fica mais difícil

da Reportagem Local

A promessa de retornar para a aldeia, depois de trabalhar em São Paulo, fica cada vez mais impossível diante das dificuldades econômicas encontradas na capital.

Segundo Frederico Pankararu, dos 950 pankararus que estão concentrados na favela Real Parque (zona sudoeste de SP), cerca de 40% estão desempregados. O tempo que o índio permanece assalariado, geralmente, varia de sete a nove meses.

“A gente vem para ganhar dinheiro, mas mal dá para comprar comida. A verdade é que o meu povo é muito inocente perto dos brancos”, diz Pankararu.

Segundo ele, 30% dos pankararus que vivem em São Paulo são analfabetos e 40% sabem escrever apenas o nome. “Os outros escrevem e lêem com dificuldade.”

A “grande sorte”, segundo ele, é a carteira de identificação tradicional, que não os identifica como índios. A outra carteira, que revela a origem indígena, fica praticamente esquecida.

“A nossa cultura, tradição e até os adornos indígenas ficam em casa e são vistos apenas pelos índios”, disse. (LC)

Travesti sofre mais preconceito

da Sucursal do Rio

O índio caiapó Ivan Souza de Almeida, 58, que veio para o Rio ainda criança, sempre conviveu com o preconceito ao ser chamado, pejorativamente, de “índio”. Há cerca de 15 anos, quando decidiu virar o travesti Janaína, passou a sofrer duplo preconceito.

Ele afirma que começou a ser tratado de “índio veado”, “índio travesti” ou, simplesmente, “índia”. Por conta de sua opção sexual, diz que já foi inclusive ameaçado de morte.

Desde que se mudou de Mato Grosso para o Rio com os pais, por volta de 9 anos, o então Almeida nunca foi muito ligado com questões indígenas. Mas cedo aprendeu que era diferente dos vizinhos.

O pai veio para o Rio servir na Marinha. Trouxe a mulher e os três filhos. Almeida lembra que, para os vizinhos, eles eram sempre “os índios”.

O tempo foi passando e, depois que se separou da mulher, com quem teve duas filhas, Almeida começou a enfrentar um preconceito maior ainda. Foi quando decidiu assumir o seu lado homossexual, virando “Janaína”.

(RONI LIMA)

		Documentação	
<small>INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL</small>	FSP		
Fonte	8/11/98		
Data	7-9 cont.		Pg
Class.	69		